

OS “DITOS POLÍTICOS” NAS MÁXIMAS DE GRICE UMA ANÁLISE

Ana Maria Dal Zott Mokva (URI)

INTRODUÇÃO

Produzir linguagem significa produzir enunciados de um determinado modo, em um determinado momento sócio-histórico, o que representa, através de marcas lingüísticas, o próprio sentido e significação.

No jogo argumentativo da linguagem, as funções lingüísticas de representação e de comunicação complementam-se e se apresentam inter-relacionadas, permitindo a construção de novas representações, apreendidas e produzidas em situações sócio-comunicativas. Referindo-nos à construção de novas representações, dirigimos nossa atenção ao implícito que fundamentam, através das inferências e conhecimento prévio, a construção do sentido.

Ao produzir um enunciado, podemos regular e orientar nossas ações em um vínculo estreito com o pensamento. Dessa forma, podemos dizer que a dinâmica constitutiva da linguagem se dá, historicamente, através da ação sócio-lingüística dos falantes, pois, além de apreender o conjunto de articulações necessárias que se situa na esfera racional, também congrega as associações da vontade individual ao concretizar os atos de fala pela interação e intersubjetividade.

Considerando a multiplicidade de significações fundamentada nas intenções comunicativas do enunciador e as interações conversacionais que não consistem de enunciados desconexos ou incoerentes em situações reais de comunicação, o presente trabalho tem como objetivo o estudo do significado implícito enquanto processo inferencial de comunicação através das máximas de Grice.

A TEORIA DA MULTIPLICIDADE DE SIGNIFICAÇÕES NAS INTENÇÕES COMUNICATIVAS

Nossas trocas de palavras (...) são, caracteristicamente, pelo menos em algum grau, esforços cooperativos; cada participante reconhece em si e nos demais, em alguma medida, um propósito ou conjunto de propósitos comuns ou pelo menos uma direção mutuamente aceita. (Grice, apud Lage, 2000)

Uma concepção clara que temos a respeito do enunciado é que a historicidade do que se produz não tem relação com indeterminação lingüística absoluta, por que precisamos de recursos expressivos que confi-

ram estabilidade semântica ao que falamos ou escrevemos. A enunciação, sob este ponto de vista, pode representar uma multiplicidade de significações fundamentada nas intenções comunicativas do falante. Intenção, esta, determinada pelo sentido do enunciado, lingüisticamente constituída, que estabelece entre os interlocutores um jogo de representações.

O sentido, na produção de um enunciado, não é anterior à sua construção e nem se origina exclusivamente no sujeito, mas se constrói no espaço em que a interação verbal se efetiva. Nesse contexto, o sentido lingüístico do enunciado é direcionado para o próprio futuro discursivo, possibilitando o entendimento da linguagem enquanto atividade constitutiva e produtiva.

Ao inscrever-se sistematicamente no interior da própria língua, a estrutura da significação e das relações das atividades lingüísticas permite a descrição do discurso de uma pessoa, não indicando apenas o que proferiu, mas em que nível ela o disse, possibilitando a descoberta dos níveis de significação implícitos ao sentido explícito, em um estudo da atividade interindividual realizada no discurso.

O estudo das relações entre signos e seus interpretadores encontra formulações na distinção entre “dito” e “implicado” na teoria de Grice (1975). Ao referir-se ao “dito”, o referido autor tem em vista a convencionalidade, ou seja, o sentido literal do significado lingüístico das expressões, e, ao empregar o termo “implicado” refere-se ao significado que foge da determinação por condições de verdade e que deriva do próprio contexto da conversação, possível de ser apreendido pelos receptores por meio de um raciocínio lógico e objetivo.

As máximas conversacionais e a determinação do enunciado

A determinação do enunciado depende do conhecimento das regras que governam os atos de fala, bem como da intenção que o falante tem ao enunciar considerando o processo cooperativo. Processo este, que as pessoas seguem ao se comunicarem de modo eficiente: fornecendo informações, interrogando, respondendo e respeitando regras de conduta na contribuição conversacional de forma convencional.

(...) faça sua contribuição do modo que se espere que ela aconteça, no momento em que ela deva ocorrer, e de acordo com o objetivo ou direção da interação em andamento. (Grice, apud Meurer & Motta-Roth 1997:42)

Ao enunciarmos, por exemplo:

“Uma das melhores coisas da vida é quebrar regras. Mas, para ser desobediente, você precisa ser superior, como Almadén” (Geidrat, 1996: 22) há no enunciado a implicatura de que existem pessoas superiores; e, considerando o exposto, se alguém é superior pelo fato de quebrar regras, Almadén é superior. Tratando-se de uma marca de vinho, a pessoa que bebe Almadén é, automaticamente, superior e pode quebrar regras.

Essa implicatura só foi possível porque exploramos uma máxima da conversação. Neste caso, a máxima da relevância, porque Almadén, um ser inanimado, é apresentado como alguém superior que, parece não estar relacionado ao assunto. O falante supõe o conhecimento ao explorar a máxima de conversação e pretende que o receptor reconheça, da mesma forma, a máxima de relevância.

Ao incluir o sujeito na enunciação, a teoria das regras conversacionais de Grice pretende analisar o sentido a partir da relação entre o que é dito na sentença e um estado de coisas no mundo, afirmando que não basta fazermos um cálculo na proposição apenas; é preciso encontrarmos o sentido pela intenção.

As máximas de Grice têm como base um princípio cooperativo entre falante e ouvinte, possível de reger a comunicação. As informações, de acordo com o princípio cooperativo, fazem parte do conhecimento compartilhado, dependentes do contexto conversacional.

Às máximas de conversação, Grice atribui:

a) Quantidade: “Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto necessário.”

A máxima de quantidade corresponde às informações explícitas no texto, tendo em vista uma contribuição informativa e necessária.

b) Qualidade: “Não diga o que você acredita ser falso; não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada.”

Na máxima de qualidade o que se visa é a afirmação que seja, comprovadamente, verdadeira.

c) Relevância ou Relação: “*Seja relevante.*”

Na máxima de relevância ou de relação, o que se prevê é a contribuição do autor, esta, relevante aos objetivos da interação em andamento, considerando a exclusão de palavras ou sentenças não pertinentes ao objetivo central da mensagem.

d) Modo ou Maneira: “Seja claro: evite obscuridade de expressão, evite ambigüidades, seja breve, seja ordenado.”

A máxima de modo ou maneira se refere a “como” a proposição é expressa através de palavras objetivas, com sentido preciso e frases bem estruturadas. Envolve sub-máximas como:

– evite obscuridade de expressão, tendo em vista que a mesma resulta do uso de termos que não expõem o sentido da mensagem para o leitor;

– evite ambigüidade; use palavras e expressões com sentido definido, preciso e bem delimitado para que possa obter uma interpretação unívoca;

– evite prolixidade desnecessária ao produzir uma mensagem com o máximo de informação e o mínimo de palavras, ou seja, usufruir da economia da linguagem;

– evite desordem ao organizar as informações num encadeamento temporal, espacial e lógico.

As máximas conversacionais de Grice nos fazem ver que a conversação obedece a uma lógica própria, pois o não cumprimento de uma máxima por um falante produz efeitos distintos dos que teria a princípio.

A teoria das máximas de Grice e o implícito no enunciado

Em um enunciado, quando derivamos implicaturas do interlocutor, não é em expressões lingüísticas particulares que buscamos justificativas para uma interpretação, mas no fato de que a interpretação usual da frase é inapropriada para a situação, o que sugere uma reinterpretação.

Ilari & Geraldí afirmam que muitos dos implícitos podem ser analisados nas implicaturas:

O uso do termo implicatura se deve ao desejo de distinguir dois fenômenos lingüísticos: o fenômeno do acarretamento, o que se infere uma expressão com base apenas no sentido literal de outra; e o fenômeno em que a derivação de um sentido passa obrigatoriamente pelo contexto conversacional. (Ilari & Geraldí, 1990:76)

As implicaturas fazem nós vermos que o reconhecimento das intenções é fundamental em uma interpretação. O caráter intencional da significação, que pode ser evidenciado no processo de inferências, exige do leitor um conhecimento do sentido literal das palavras associando-o

aos conhecimentos de mundo para que se possa chegar a um sentido real.

As inferências, de acordo com Grice, podem ser geradas de maneiras diferentes: ao percebermos a obediência do autor às máximas e outra em que há a desobediência proposital das mesmas. À obediência, Grice atribui as inferências, e, extrapolação à atitude de desobediência.

De acordo com a teoria de Grice para a conversação, não há um determinado significado sem intenção do falante, pois temos a possibilidade de explicar o significado de uma expressão através do que os usuários da língua querem dizer em uma determinada situação comunicativa. O que o falante diz está relacionado a um significado convencional das palavras, e assim, o que é dito é parte do significado verificável sob condições de verdade, existindo algo convencionalmente implicado.

Implicaturas, diante do exposto, são os implícitos que ocorrem na linguagem via inferência do dito e do contexto.

PROCESSO DE ANÁLISE AS MÁXIMAS DE GRICE NOS “DITOS POLÍTICOS”

Ao lermos manchetes de jornais ou revistas, percebemos que as mesmas procuram ativar o conhecimento armazenado na memória do leitor, antecipando informações e permitindo um levantamento de hipóteses, oferecendo-nos, através de uma seleção lexical, o estabelecimento da macroestrutura. Assim como as manchetes chamam a atenção do leitor, há sensacionalismos provocados pelos meios de comunicação que desviam a atenção para focos secundários. Da mesma forma, são divulgadas construções frasais de pessoas que tomam certas decisões no comando de um país que nos impressionam e nos deixam perplexos. Referimo-nos aos “ditos” políticos que chegam ao nosso conhecimento, que, além de revelar o nível cultural da representatividade política, permitem que façamos uma análise do que é proferido explicitamente e, principalmente, do implícito nas manifestações públicas.

Para a realização da análise das máximas de Grice, visando o implícito nos ‘ditos políticos’, os enunciados expostos correspondem a uma seleção feita no ano de 2000, retirados da página ‘Veja essa’ da revista *VEJA*, da página ‘A Semana’ da revista *ISTO É* e da página A2 do Jornal *FOLHA DE SÃO PAULO*, todas, com o objetivo de informar aos leitores, com um certo teor humorístico, mas com elevado grau de criticidade, o que é proferido verbalmente por celebridades do nosso contexto sócio-político-histórico.

(1) *O importante é não botar o depois antes do antes.*

(Veja – 9/02/2000, ed. 1635)

No enunciado, Marco Maciel, vice-presidente da República, manifesta ao se referir à sucessão do atual presidente da República Fernando Henrique Cardoso, que só pretende tratar da sucessão depois das eleições municipais de 2000. Ao último ‘antes’ está implícito o momento atual que necessita de medidas e soluções imediatas em um tempo presente. Ao ‘depois’ está implícito um momento futuro que pode aguardar decisões futuras. Pelo exposto, percebemos que Marco Maciel repete a palavra ‘antes’ intencionalmente, extrapolando a máxima de quantidade, pois a informação explícita faz uma contribuição mais informativa do que o necessário.

(2) *Quero dizer que empregarei meus parentes enquanto puder. Se puder amparar minha família toda, eu a ampararei, eu a empregarei.*

(Veja – 16/02/2000, ed. 1636)

O deputado federal (PMDB – PI) Themístocles Sampaio, expressa verbalmente no enunciado o amparo a seus familiares, o que nos permite o reconhecimento da implicatura de que o deputado é um nepotista convicto. Ao manifestar ser favorável ao nepotismo implicitamente, explicita uma informação além do necessário, extrapolando a máxima de quantidade. Afirma ‘empregarei meus parentes’ e repete a mesma informação na sentença seguinte, não havendo nenhuma contribuição nova.

(3) *Isso é igual a transporte de porco: no começo, tudo é algazarra, mas depois de cinco minutos todo mundo se acomoda.*

(Veja – 8/03/2000, ed. 1639)

No enunciado, o deputado federal (PPB – MG) Herculano Anghinetti, expressa, de modo relevante, sua opinião a respeito da ‘bagunça’ na base de apoio ao governo no Congresso. A manifestação ‘isso é igual a transporte de porco’ que segue a explicitação do termo ‘isso’, ativa algo convencionalmente implicado: a imagem do próprio Congresso através das figuras de linguagem: metáfora e hipérbole, explorando, assim, a máxima de qualidade associada à de relevância. Há uma marca implícita que é a crítica à organização e funcionalidade da representatividade de

apoio do governo federal.

(4) Com os pequenos o governo age como um leão. Com os grandes mia como um gato.

(Isto É – 17/05/2000, ed. 1598)

De acordo com a teoria da conversação, todo significado envolve a intenção do falante. A intenção de criticar o governo é clara no enunciado do deputado José Genoíno. Ao referir-se às medidas adotadas pelo governo em relação ao MST, há a implicatura de que o governo age discriminadamente: aos ‘poderosos’, a demonstração da aceitação; aos ‘inferiores’ a demonstração do poder em mãos. Verificamos, pela comparação feita, a extrapolação da máxima de qualidade que visa, necessariamente, uma comprovação de uma afirmação verdadeira.

(5) Não vou ficar agora na bajulação de índio só porque está na moda.

(Veja – 19/05/2000, ed. 1648)

Por se tratar de um ‘dito’ proferido pelo presidente do Senado Antônio Carlos Magalhães, ficamos apreensivos para descobrir o sentido não literal da expressão “ficar na bajulação de índio”. Podemos inferir que o presidente do Senado não admite fazer agrados aos índios, como também podemos pensar que são os índios que têm a intenção de fazer agrados ao presidente. A presença de ambigüidade explora a máxima de modo ou de maneira. E, só conseguimos obter um esclarecimento através do significado verificável pelas condições de verdade em que Antônio Carlos Magalhães, ao ser acusado de ter dado terras de índios a fazendeiros, no período em que governava a Bahia, procura reagir, expondo que não é a favor das pessoas que demonstram interesse ao ‘desfavorecimento’ dos índios só para obter credibilidade da população brasileira, o que é moda, hoje, em nosso país.

(6) Vou sugerir a FHC que mude o seu gabinete para Paris. Na França ele é favorável a tudo aquilo que nega ao povo no Brasil.

(Isto É – 14/06/2000, ed. 1602)

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente de honra do PT, ao comentar as declarações feitas pelo Presidente da República, expressa na indefini-

ção ‘tudo aquilo’ o que não é realizado concretamente no país. Pelo enunciado, é possível reconhecermos a intenção do falante em criticar a ação governamental. Em visita oficial à França, o Presidente da República declarou que deveria prestar mais atenção aos pobres e dar condições aos trabalhadores que não possuem sequer carteira assinada. Associamos à indefinição ‘tudo aquilo’ o que ainda precisa ser melhorado em termos de condições humanas e sociais. Ao mencionar ‘nega ao povo no Brasil’ percebemos a implicatura de que o chefe da nação só reconhece o que deve fazer fora de sua nação de domínio. Percebemos, também, pela intencionalidade, a exploração da máxima de relevância tornando pertinente a expressão ‘tudo aquilo’ ao seu objetivo de referir-se à desigualdade social.

(7) *Malan foi o ácido sulfúrico da reforma tributária.*

(Veja – 14/06/2000, ed. 1653)

Ao insinuar que o ministro da Fazenda Pedro Malan boicotou a reforma, o deputado federal (PPB-SP) Delfim Neto, extrapola a máxima de qualidade através das figuras de linguagem metáfora e hipérbole. A expressão ‘ácido sulfúrico’ ativa conhecimentos prévios e permite o reconhecimento da intenção do falante pela implicatura de que o ministro foi o responsável por uma destruição nas medidas governamentais, e, sendo destruidor, não merece confiança.

(8) *Quando se está no governo, 90% das decisões que se tomam estão entre o desastre e o desagradável.*

(Veja – 12/07/2000, ed. 1657)

No enunciado, o deputado federal e ex-ministro do Planejamento Antônio Kandir, extrapola a máxima de quantidade, pois todo ‘desastre’ é, automaticamente, ‘desagradável’. A informação explícita não traz uma contribuição nova ao leitor. Há, de certa forma, uma redundância. Pelo explícito ‘90% das decisões entre o desastre e o desagradável’ há a implicatura de que a função de tomar decisões é difícil para quem está no comando, como também pode estar implícito que as decisões atingem as pessoas de forma desastrosa: quem toma decisões, não mede as consequências. Considerando a teoria conversacional de Grice, verificamos uma desobediência proposital do falante extrapolando a máxima de modo por não apresentar um sentido preciso, e sim, ambíguo.

(9) *O PT é como uma galinha que cacareja para a esquerda, mas põe ovos para a direita.*

(Veja – 26/07/2000, ed. 1659)

Ao referir-se ao Partido dos Trabalhadores, o candidato do PDT à Prefeitura do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, verbaliza a sua opinião através da figura de linguagem ‘metáfora’. O que o falante expressa, relaciona-se a um significado convencional das palavras, extrapolando a máxima de qualidade. E, ao referir-se ao ‘cacarejar para a esquerda e pôr ovos para a direita’, explora a máxima de relevância. Pela obediência e extrapolação das máximas, podemos perceber que há um implícito na interação em andamento que é a referência a um partido que tem dupla face: radicalmente ‘contra’ o que não lhe convém, mas a ‘favor’ ao que é conveniente a seus interesses.

(10) *A OAB é uma instituição respeitável. Mas, no máximo, pode comandar advogados. Não o Congresso.*

(Folha de São Paulo – 10/08/2000, nº 26062)

Ao referir-se à decisão da Ordem dos Advogados do Brasil em apoiar a instalação de CPI para apurar o envolvimento de autoridades no caso do TRT-SP, o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, em seu enunciado, nos dá a oportunidade de reconhecermos a implicatura de que cada representatividade deve permanecer em seu devido lugar, sem confundir funções específicas e determinadas. Ao explorar a máxima de relevância ou relação, o falante expressa o que é fundamental e relevante aos seus objetivos na interação comunicativa.

(11) *Certamente o prefeito de São Paulo, negro decente, honrado, deve ter na sua alma algo de escravo. Só um escravo conseguiria suportar tudo.*

(Folha de São Paulo – 11/08/2000, nº 26063)

Pelo enunciado, o secretário da Prefeitura de São Paulo ao referir-se às denúncias de corrupção e ao processo de *impeachment* enfrentados por Celso Pitta, extrapola a máxima de qualidade. Ao expressar sua admiração ao prefeito de São Paulo, atribui-lhe o qualificativo ‘negro decente’ em uma associação com a escravidão. Tal associação permite ati-

var mais de um sentido: negro decente devido à submissão ou negro decente por que é capaz de enfrentar as piores dificuldades, mantendo-se firme em suas convicções? E, querendo enfatizar o ‘dito’, o falante repete-o sem uma contribuição informativa e necessária, extrapolando a máxima de quantidade também.

CONCLUSÃO

Ao abordarmos o conhecimento compartilhado, referimo-nos a uma intenção comunicativa que pode abranger diferentes conteúdos como o metafórico e o irônico através do significado comunicado implicitamente pelos enunciados. No decorrer das explicações, visamos à integração dos princípios que regem a conversação em uma dimensão social e psicológica nos atos de persuadir, argumentar ou simplesmente proferir um enunciado, envolvendo a subjetividade e o contexto sócio-político-histórico.

Após analisarmos as máximas de Grice em “ditos políticos”, podemos afirmar que é preciso dedicarmos uma atenção especial à comunicação verbal, em relação ao uso que as pessoas fazem da linguagem, enquanto atividade constitutiva e produtiva, pois é no jogo argumentativo da linguagem e é pelas inferências que fizemos que a comunicação se transforma em conhecimento mútuo.

Ao observarmos as implicaturas nas relações sujeito/linguagem/sujeito, que direta ou indiretamente, fazem parte do nosso cotidiano através de expressões e estruturas frasais que manifestam opiniões, divergências em idéias, ideais e decisões no contexto sócio-político-histórico, chegamos à constatação de que os atos de fala envolvem um jogo de palavras, muitas vezes, despercebido, mas um verdadeiro incluído: o implícito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas : Pontes, 1987.

GEIDRAT, Dóris Cristina. *A teoria das implicaturas de Grice* .(TIG). Verso & Reverso. São Leopoldo : UNISINOS, n. 20, fev. 1996, p. 24-33.

GRICE, P. Logic and conversation. In: COLES, P. & MORGAN, J. L.

(eds) . *Syntax and Semantics III: Speech Acts*. New York : Academic Press, 1975, p. 41-58.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido : um estudo Histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas : Pontes, 1995.

ILARI, Rodolfo & Geraldi, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo : Ática, 1990.

KEMPSON, Ruth M. *Teoria semântica*. (trad. Waltensir Dutra). Rio de Janeiro : ZAHAR, 1980.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo : Contexto, 1997. (Caminhos da Lingüística).

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. www.jornalismo.ufsc.br, 2000.

MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Desirée.(org.).*Parâmetros de textualização*. Santa Maria : UFSM, 1997.

VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. Campinas : HUCITEC, 1980.